

Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia *Body, dance and biopolitics: thinking about immunity with Bodymedia Theory*

Helena Katz¹

Christine Greiner²

Resumo

A discussão sobre a natureza política da dança vem suscitando diversos debates. A Teoria Corpomídia, porque ata corpo e ambiente *de partida*, explicando que corpo e entorno se distendem um no outro em trocas permanentes de informação, explicita, com o conceito de corpomídia, a responsabilidade social de cada um de nós com as escolhas que faz no mundo. O conceito de corpomídia, portanto, é político *de partida*. Entendendo como necessário colaborar com o avanço de tais reflexões, este texto propõe que nesse mundo no qual a popularidade do assunto corpo não para de crescer, faz-se necessário atentar o que tem transformado a política em biopolítica e, nessa perspectiva, começar a pensar a dança no contexto da imunidade que agora perspassa o mundo.

Palavras-chave: Corpomídia, Biopolítica, Dança, Imunidade.

Abstract

The understandings of dance as a politic manifestation has been enlarged. The Bodymedia Theory connects body and ambient in a permanent flux of information that distends one into another proposing the concept of bodymedia as a form of making explicit the social responsibility that each of us has with all of our actions. In this sense, the concept of bodymedia is *foundationally* political. As the popularity of the body as an attractive theme continues its developing, its time to think of what has been turning politics into biopolitics and argue about the place that dance has in the immunity perspective that spreads in society.

Keywords: Bodymedia, Biopolitics, Dance, Immunity.

¹ Helena Katz graduou-se em filosofia na UERJ e doutorou-se na PUC-SP, onde é professora e coordena o CED-Centro de Estudos em Dança. É também professora na Escola de Dança da UFBA e crítica de dança do jornal O Estado de s. Paulo.

² Christine Greiner graduou-se em jornalismo na Faculdade Casper Líbero, doutorou-se na PUC-SP, onde é professora. Fez pós-doutorado na Universidade de Tóquio (2003), no International Research Center for Japanese Studies (2006) e na New York University (2007).

O significado e a compreensão, bem como a racionalidade, são fruto da experiência do corpo. Conceitos básicos como equilíbrio, escala, força e ciclo vêm da nossa experiência física. Em 1987, o filósofo norte-americano Mark Johnson, repropôs a relação entre corpo, movimento e cognição, mostrando que a cognição tem origem na motricidade. Explicou que o corpo vinha sendo ignorado porque a razão era tida como abstrata e transcendente, não cabendo, portanto, qualquer papel ao corpo no raciocínio. O que vai sustentar a sua argumentação é a proposta de que pensar o corpo e o ambiente como entidades independentes constitui um erro, pois o organismo não existe sem o ambiente, que é parte dele tanto quanto qualquer outro componente ‘interno’. Johnson cita Levins e Lewontin³ para corroborar sua posição:

A seleção natural não é uma consequência do quão bem o organismo resolve o conjunto de problemas fixos colocados pelo ambiente, mas, ao contrário, o ambiente e o organismo codeterminam ativamente um ao outro. Os fatores internos e externos, genes e ambiente agem uns sobre os outros por meio do organismo (LEVINS e LEWONTIN, apud JOHNSON, 1987: 207).

Pensar o corpo a partir de tal proposta implica em um entendimento coevolutivo do comportamento social e político *de partida*⁴, sem admitir o apartamento entre natureza e cultura que coloca os estudos sobre o corpo de um lado (o de uma biologia tratada como uma ciência natural que estuda um corpo como sendo um tanto de conteúdos circunscritos pela pele) e, de outro, os estudos sobre este mesmo entendimento de corpo-embalagem-de-seus-conteúdos funcionando em sociedade de outro (com uma sociologia, uma antropologia, os estudos culturais etc que descrevem o comportamento deste corpo em um mundo já dado). Embora distintos, os dois tipos de abordagem comungam em um ponto: ambos tratam o corpo como um recipiente.

No entanto, o processo de constituição do corpo é mais complexo. Tem aptidão para acionar o cruzamento de estruturas de ocorrência coerentes, e o que garante a coerência deste cruzamento é uma homologia de probabilidades nas transições espaço-temporais. É esta homologia que cria as condições para que a informação do fora possa ser percebida e levada para dentro do corpo. Portanto, ao invés de um recipiente no qual se depositam as informações do

³Richard Levins, matemático marxista, e Richard Lewontin, biólogo evolucionista especializado em genética das populações, reuniram artigos que escreveram sobre metodologia, filosofia e implicações sociais da biologia na coletânea *The Dialectic Biologist* (Harvard University Press, 1985).

⁴Quando não se separa a natureza da cultura de partida, o homem deixa de ser aquele que chega a um mundo já pronto no qual passará a agir, transformando-o. Homem e mundo passam a ser entendidos como coimplicados.

mundo, o corpo é um sistema complexo que participa de um fluxo contínuo de trocas⁵ com o ambiente.

Mas não é apenas o senso comum que insiste na metáfora do corpo recipiente. Algumas ações políticas continuam apostando neste mesmo entendimento, tendo em vista domesticar o corpo agindo de fora para dentro, praticando a separação natureza-cultura, de modo a formatá-lo como se este fosse uma tabula rasa absolutamente passiva, disponível para que toda informação externa possa “construí-la”.

O organismo humano está linkado com uma entidade externa em uma interação de duas mãos criando um sistema acoplado (*coupled system*) que pode ser visto como um sistema cognitivo. Todos os componentes no sistema têm um papel causal ativo e governam conjuntamente o comportamento do mesmo tipo de modo que a cognição usualmente faz. Se removemos o componente externo, a competência comportamental do sistema vai falir, assim como aconteceria se removêssemos partes do seu cérebro. Nossa tese é a de que este tipo de sistema acoplado conta igualmente bem como um processo cognitivo, estando ou não inteiramente dentro da cabeça (CLARK and CHALMERS, 1998, in MENARY, 2010: 29).

A Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER) compreende que existe uma afetação contínua e recíproca entre o que está dentro e o que está fora do corpo ou, nas palavras de Clark (1997: 163), que o que está sempre acontecendo entre corpo e ambiente são “influências⁶ contínuas e mutualmente regulatórias ligando cérebro, corpo e mundo”. Por desdobrar-se no tempo, esta característica faz do corpo em movimento a matriz da comunicação e da cognição. Nessa comunicação e nessa cognição, o ambiente/contexto também não é um container daquilo que o forma, uma vez que está no mesmo fluxo de trocas e/ou contaminações do corpo.

O contexto não é um recipiente povoado por coisas que o conformam; o contexto está sempre mudando porque o conjunto de coisas que o forma também se transforma. As atualizações são contínuas, articulatórias e descentradas, uma vez que o trânsito permanente instabiliza as noções de dentro e fora. Assim, o contexto e tudo que o forma passam a ser lidos como estados transitórios em um fluxo permanente de mudanças (KATZ, 2010: 124).

⁵Troca não no sentido da troca de roupa (operação na qual as transformações são mínimas) e aproximando-se dos processos contaminatórios das trocas afetivas, o corpo e o ambiente coimplicam-se mutuamente. A informação não é um pacotinho que pode ser “entregue” ao corpo: a informação se transforma em corpo.

⁶Há que pontuar somente que a Teoria Corpomídia não trabalha com o conceito de influência por reconhecer nele uma proeminência vetorial, preferindo adotar nomear o mesmo fenômeno de contaminação, para sublinhar que, no corpo, os processos tendem a ocorrer em rede.

A Teoria Corpomídia se propõe com o objetivo de favorecer uma leitura crítica do papel do corpo face ao que está em curso na nossa sociedade e, por isso, propõe que corpo e ambiente existem em um inestancável fluxo de trocas/contaminações, sublinhando que tanto um como o outro só existem nestas trocas incessantes. As trocas/contaminações não acontecem depois que corpo e ambiente existem, **mas são elas que os constituem**. Esse é o pressuposto que leva à compreensão do que transforma a política em biopolítica⁷, isto é, em uma política pautada a partir de um certo entendimento de vida, no qual o corpo tem um papel central.

Este tema tem sido estudado por alguns autores de outros territórios epistemológicos e, para avançar as questões formuladas em torno da biopolítica, Esposito propõe o conceito de imunização:

Como a prática médica da vacinação em relação ao corpo individual, também a imunização do corpo político funciona introduzindo no seu interior um fragmento da mesma substância patogênica da qual o quer proteger e que, assim, bloqueia e contraria o seu desenvolvimento natural (ESPOSITO, 2010: 75).

A imunidade protege aquele que está imune do contato arriscado com os outros, os não-imunes. É o ‘próprio’ se protegendo do ‘comum’, porque estar imune é não ter nada em comum – e faz-se urgente atentar para o que isso, de fato, significa, porque o que acaba sucedendo é que a imunização se torna a própria engrenagem interna da comunidade. Assim, a imunidade que está na linguagem politicojurídica e na mídia alude a uma isenção temporária ou definitiva do sujeito em relação a obrigações concretas ou responsabilidades que, dentro de circunstâncias normais, vinculariam um sujeito aos outros. Ao invés de justapor ou impor uma forma externa que sujeita, o paradigma de imunização (*bios* e *nomos*, vida e política) emerge como dois elementos constituintes de um mesmo todo indivisível que assume significados a partir das suas interrelações. A Teoria Corpomídia reconhece a imunidade como poder de preservar a vida. Considera que não existe poder externo à vida, assim como a vida nunca está fora das relações de

⁷Foucault repropôs e requalificou o termo ‘biopolítica’ nos anos 1970, para tratar do que identificava como formas mais sutis e mais poderosas de poder. A violência explícita sobre a vida que está a ele submetida (poder de matar e de suspender a execução) é complementada pelo poder de submeter o corpo à saúde, à higiene, à longevidade. O velho direito de fazer morrer ou deixar viver vai ser penetrado, atravessado e modificado pelo seu inverso: fazer viver ou deixar morrer (FRANCO de SÁ, 2010 em ESPOSITO, 2010, p. XIII)

poder. Portanto, todo corpomídia está sempre lidando com a imunização, e a dança pode ser pensada neste viés (assunto explorado mais adiante).

À luz destas considerações, aqui se propõe ressaltar que, quando o tema é a relação entre dança e política, é a implicação do corpo no ambiente que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a configurar-se como corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo.

Antes de seguir, vale a pena se deter no conceito de informação. Gleick, em seu novo livro, sugere ser necessário um “rito de purificação” em torno do conceito de informação porque ela tornou-se “o sangue e o combustível, o princípio vital” (GLEICK, 2011: 8). John Archibald Wheeler⁸, levando a física do século XX para a do XXI, disse que a informação faz nascer “cada partícula, cada campo de força, até o espaçotempo contínuo” (ibid.: 10),

Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre-presente, que impede a noção do corpo recipiente, uma vez que o fluxo das transformações não cessa. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. E também não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em contato com as que já estão e algo se produz a partir daí. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão daquilo que não afeta o corpo onde a transmissão acontece. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão se constituindo como corpo.

Neste sentido, o corpo opera como um modelo precioso da responsabilidade social que humanos praticam, estejam ou não alertas para isso. Como toda e qualquer ação do corpo se

⁸O físico teórico norte-americano da Princeton University, John Archibald Wheeler (1911-2008) foi o último dos herdeiros de Albert Einstein e Niels Bohr. Cunhou termos como buraco negro, espuma quântica, e a frase “it from bit”.

realiza no trânsito permanente com o ambiente, a escolha dos ambientes por onde circulamos (porque há alguns que não podem ser escolhidos) favorece que vá sendo constituído um ou outro tipo de corpo e um ou outro tipo de ambiente. A Teoria Corpomídia nos faz assumir a responsabilidade pelo que cada um pode vir a ser e pelo que o mundo é e pode vir a ser. Mark Johnson (1987) explica como e porque até o significado, o entendimento e a racionalidade são condicionados pelos padrões de nossas experiências. Como somos corpo, somos pessoascorpos que experienciam o mundo (que está também povoado por uma variedade incalculável de outros corpos, que não param de ser inventados). Vamos existindo e dando existência ao mundo nos acordos das mais variadas experiências de contato que são possíveis de serem experienciadas.

Nossa realidade, os contornos de nossa orientação espacial e temporal e a forma de nossa interação com os objetos tomam forma pelos padrões de nossos movimentos. Nunca é meramente uma questão de conceitualizações abstratas e julgamentos proposicionais (JOHNSON, 1987: XIX).

Já constitui um posicionamento político o fato da Teoria Corpomídia nos lembrar que nunca é suficiente pensar no somente no corpo ou somente no ambiente, e nem tampouco pensá-los separados para *depois* construir modos de juntá-los. O fato de insistir ser indispensável reconhecer que o entorno se distende no corpo e o corpo também se distende no entorno impede que cada um de nós se veja como um observador que assiste o mundo, dele separado por uma janela pela qual o observa. O conceito de corpomídia nos faz ver a imensa responsabilidade de cada um de nós com o que cada um é e com o que o mundo não somente é, mas sobretudo com o que o mundo pode ser.

Enquanto alguns estados mentais, como as experiências, podem ser internamente determinados, há outros casos nos quais fatores externos fazem uma contribuição significativa. Em particular, proporemos que *crenças* podem ser parcialmente constituídas pelas características do ambiente quando tais características fazem o papel de dirigir os processos cognitivos. Se assim for, a mente se estende no mundo (CLARK e CHALMERS, 1998 em MENARY, 2010: 33).

No entanto, para entender de forma ainda mais clara este processo de co-contaminação entre corpo e ambiente, Lakoff e Johnson (1998, 1999) ensinam que “pensar” não se restringe a elaborar conceitos do modo como se compreende no senso comum. Isso, porque os conceitos não

são apenas matéria do intelecto. Estruturam o que percebemos e como nos relacionamos com o mundo, com outras pessoas, com os objetos, e também como nos comunicamos. Nosso sistema conceitual ocupa um papel central, definindo as realidades cotidianas. Explicam que o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo isso é sempre matéria metafórica. Como a comunicação se baseia no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem verbal se torna uma fonte importante de evidência do funcionamento do sistema. Importante, porém não a única.

A metáfora à qual se referem pode ser criativa no fazer nascer estruturas em nossa experiência. Ou seja, as metáforas não dizem respeito somente a experiências já existentes. Contribuem com o processo pelo qual nossa experiência e nosso entendimento (o nosso modo de “ter um mundo”) são estruturados de forma coerente e com significado. (JOHNSON, 1987: 98)

A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro (a chave da metáfora) vai necessariamente esconder outros aspectos do conceito e da experiência. O conceito metafórico representa um modo de estruturar parcialmente uma experiência em termos da outra. A pergunta é: o que faz parte do domínio básico de uma experiência? As experiências ocorrem em nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional e etc), dependem de nossas interações com nosso ambiente através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outros corpos dentro da nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) e fora dela. Nessa perspectiva, o ato de dançar, em termos gerais, é o de estabelecer relações testadas pelo corpo em uma situação em termos de outra, produzindo sempre novas possibilidades de movimento e, portanto, de conceituação.

Quando se compreende que o nosso modo de lidar com o mundo está atado às estruturas de mediação do nosso corpo, nele *corpado/embodied*, percebe-se que é o que está a cada instante conformando o corpo que nos faz agir de um ou de outro modo no mundo. Não há qualquer aspecto do nosso conhecimento que seja independente da natureza da coleção de informações que constitui o corpo, e que está em permanente transformação. O significado das coisas e a racionalidade não escapam a essa condição. Nada escapa.

Johnson nos diz que “*compreender é um evento* – não é meramente um corpo de crenças (embora inclua as nossas crenças)” (1987: 209). É o modo como “compartilhamos um mundo relativamente inteligível”. O que vem sucedendo com a nossa compreensão agora, quando

funcionamos cada vez mais como indivíduos preocupados sobretudo com os nossos interesses privados e nos afasatamos das práticas da *communitas*?

Immunitas/communitas

A esta altura das conversas já acontecidas em biopolítica – tema que vem se popularizando em grande velocidade - cabe precisar a relação da política com a vida salientando o caráter intrínseco dessa ligação. O conceito de imunidade de Esposito vai nessa direção.

Em vez de sobrepostos – ou justapostos – numa forma exterior que submeta m ao domínio do outro, no paradigma imunitário, *bios e nomos*, vida e política, resulta, ser os dois compnentes de um único, incindível, conjunto que só adquire sentido a partir da relação entre eles. A imunidade não é apenas a relação que liga a vida ao poder, mas o poder de conservação da vida, Ao contrário de tudo o que pressupõe o conceito de biopolítica – entendido como resultado do encontro que *em certo momentose* dá nunca for a das relações de poder, Olhada nessa perspectiva, a política não é senão a possibilidade, ou o instrumento, de conservar viva a vida (ESPOSITO, 2010: 74).

Há algo de precioso no conceito de imunidade quando se pensa a dança como uma questão política. Diz respeito ao fato da imunização ser uma “proteção negativa” da vida, porque conserva o organismo pela submissão ao que o ataca. Para ser conservada, a vida depende de algo que lhe é exterior - o poder soberano nas suas mais variadas formas de manifestação: esse é o princípio do paradigma da imunização com o qual Esposito trabalha e que tem uma importante contribuição a prestar na área da dança.

Tornou-se consensual acreditar que, para que a vida se expanda ilimitadamente, ela depende da autopreservação imunitária. Como o que o paradigma da imunização carrega é a consagração do negativo (e, então, o negativo de muitos valores que estavam formulados como normas no ambiente), é esse negativo que passa a ser tomado como inevitável e, mais ainda, como uma força produtiva do valor que nega. Durkheim (1895) já havia dito que há muitos casos em que “a perturbação causada pela doença é insignificante se comparada com a imunidade que confere” (ESPOSITO, 2010: 76).

O campo epistemológico que o paradigma da imunização monta é promissor para quem se interessa em pensar politicamente a dança. É inspirador lembrar que Luhman⁹ afirma (1984) que “o sistema não se imuniza *contra o não* mas sim *com a ajuda do não*”, pois isso nos põe na direção de compreender como podem ser formuladas as ações necessárias para que a dança conquiste o espaço e a projeção que ainda não tem na sociedade. Com a ajuda de que tipo de “nãos” está a dança imunizada? Contra a ajuda de que tipo de “nãos” está imunizando a sociedade?

Seria prudente que iniciássemos uma conversa sobre o que, na dança, tem atuado como sistema imunitário, e que forma de imunologia social a dança tem tomado, lembrando que o conceito de *immunitas* deve ser ponderado à luz do de *communitas*.

Reconduzida à sua raiz etimológica, a *immunitas* revela-se como a forma negativa, ou privativa, da *communitas*: se a *communitas* é aquela relação que, vinculando os seus membros a um objetivo de doação recíproca, põe em perigo a identidade individual, a *immunitas* é a condição de dispensa dessas obrigações e, por conseguinte, de defesa ante os seus esforços expropriatórios (ibid.: 80).

A relação horizontal capaz de vincular quem atua hoje na dança no Brasil em uma dimensão comum ainda está por ser construída. A noção do indivíduo (aquele que é indiviso), mesmo já tendo sido anunciada por Nietzsche como inexistente, é a que costura os impedimentos da consolidação da dança como *communitas*. Parece cada vez mais claro que o financiamento da produção artística vigente no nosso país tem alto poder imunizador, e que neutraliza a percepção da ausência do *communitas*.

A neutralização, contudo, não implica na eliminação. Afinal, o processo de imunização integra ao organismo o mal que deseja excluir na forma dos anticorpos que são produzidos. Tais anticorpos podem ser lidos como presenças metafóricas (estão no lugar de) do mal que extirpam. A tarefa que agora se apresenta, parece ser a de se procurar reconhecer os anticorpos que a imunização produz na dança, e a dança produz na sociedade.

Bibliografia

⁹Considerado um dos mais importantes sociólogos alemães, Niklas Luhman (1927-1998) desenvolveu uma abordagem própria da teoria dos sistemas, propondo a sociedade como um sistema autopoietico.

CLARK, A 1997. *Being There. Philosophy, Cognitive Science and Parallel Distributed Processing*. Cambridge, MA, The MIT Press.

CLARK, A. e CHALMERS, D. 1998. The Extended Mind, *Analysis* 58(1), pp.7-19.

ESPOSITO, R. 2010. *Bios. Biopolítica e Filosofia*. Lisboa, Edições 70.

FOUCAULT, M. 1976, 1993. *Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal.

FOUCAULT, M. 2007. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.

FOUCAULT, M. 1977. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.

JOHNSON, M. 1987. *The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University Chicago Press.

KATZ, H. 2010. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. In: *O Corpo em Crise*, de GREINER, Christine, pp. 121-132. São Paulo, Annablume.

LUHMANN, N. 2011. *Como es posible el orden social?*. Barcelona, Herder.

MENARY, R. ed. 2010. *The Extended Mind*. Cambridge, MA, The MIT Press.